

O acento no português brasileiro segundo uma abordagem baseada no uso

(A usage-based approach to Brazilian Portuguese stress assignment)

Maria Mendes Cantoni

Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

mmcantoni@gmail.com

Abstract: This paper presents a usage-based approach to Brazilian Portuguese (BP) stress assignment. Traditional analyses, all based on a strict formalist view of language, disagree in many aspects, and are often faced with theoretical and empirical problems. This paper intends to offer a contribution to this debate, claiming that a Cognitive Phonology framework would be far more successful to deal with general facts of BP stress assignment than formalist analyses. It is argued that stress assignment can be accounted for as the result of generalizations over exemplars, and these generalizations are responsible for the main tendencies related to stress position.

Keywords: *stress; Brazilian Portuguese; Usage-Based Phonology; Exemplar Model.*

Resumo: Este artigo apresenta uma análise do acento primário do português brasileiro (PB) de acordo com uma abordagem de uso. As análises tradicionais disponíveis, todas comprometidas com uma visão formalista da linguagem, discordam em inúmeros aspectos e freqüentemente se vêem às voltas com graves problemas teóricos e empíricos. Este artigo pretende oferecer uma contribuição a essa polêmica, mostrando que uma perspectiva teórica como a Fonologia Cognitiva pode lidar mais satisfatoriamente que a vertente formalista com os fatos gerais da dinâmica acentual do PB. Defende-se que a atribuição do acento pode ser explicada como resultado de generalizações a partir de exemplares, generalizações estas que seriam responsáveis pelas tendências gerais relacionadas à localização do acento.

Palavras-Chave: *acento; português brasileiro; Fonologia de Uso; Modelo de Exemplares.*

Introdução

O presente estudo promove uma análise do acento primário¹ do português brasileiro (PB) segundo uma abordagem baseada no uso. Com esta análise, pretende-se, de um lado, contribuir para a incorporação da dimensão prosódica a modelos de uso. De outro, pretende-se oferecer uma nova perspectiva teórica à discussão sobre os mecanismos de atribuição do acento. Na literatura que trata deste tema, um dos pontos mais debatidos é em que medida o acento no PB é marcado no léxico ou previsível através de uma série de princípios. Defende-se, aqui, que ambos os mecanismos entram em jogo na dinâmica acentual do PB, como acontece em processos cognitivos gerais de categorização e processamento, em que especificidade e generalidade não são excludentes, mas antes coexistem e se complementam.

Este artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: na segunda seção, apresenta-se uma descrição sucinta das principais características do acento no PB. A terceira seção traz um panorama dos modelos de uso. Na quarta seção, é proposta uma análise do acento do PB de acordo com uma abordagem de uso. Por fim, na quinta

¹ Por economia, ao longo de todo o artigo, o termo “acento” será utilizado no lugar de “acento primário”.

seção, são retomados os principais aspectos discutidos ao longo do artigo, seguidos de algumas conclusões e questões a serem abordadas em pesquisas futuras.

O acento no PB

São vários os estudos que tratam da acentuação no PB. Apesar de estarem fundamentados em diferentes modelos teóricos, sua descrição dos fatos lingüísticos é razoavelmente equivalente. A maioria deles aponta para quatro aspectos fundamentais do acento, que serão descritos a seguir.

Principais fatos do acento no PB

No PB, o acento se restringe a uma janela de três sílabas, ao fim da palavra, formando oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas (BISOL, 1992). Essa janela seria excedida apenas pela epêntese (e.g. ['tɛ.kɪ.nɪ.ku]), *técnico*, vogal epentética sublinhada), no sistema não-verbal, e pela cliticização (e.g. *falávamos-te*), no sistema verbal.

Palavras paroxítonas prevalecem sobre proparoxítonas e oxítonas, ou seja, dentre os três padrões acentuais possíveis na língua, o paroxítono é o mais freqüente.

O acento é o responsável pelo contraste lexical em palavras como *sábia*, *sabia* e *sabiá*. No entanto, não é tão fácil encontrar pares mínimos dentro da mesma classe de palavras – como, por exemplo, *cara* x *cará*, no caso dos nomes, e *comeram* x *comerão*, no caso dos verbos.

O correlato acústico do acento no PB é um aumento na duração e na intensidade relativas da sílaba saliente (MASSINI-CAGLIARI, 1992). Desse modo, em uma palavra como *espaço*, a sílaba *pa* será mais longa e mais intensa que as outras sílabas. Em palavras não-monossilábicas, uma das sílabas sempre será enfatizada perante as demais, recebendo proeminência acústica. Além disso, a sílaba acentuada específica de cada palavra é geralmente fixa. De fato, no PB, fenômenos que envolvem mudança na localização do acento são raros, se comparados, por exemplo, a fenômenos semelhantes no inglês, que apresentam um grau significativo de produtividade. Phillips (1998, p. 160) afirma que “The stress pattern of polysyllabic words in English has a long history of instability”, ao iniciar uma análise de verbos do inglês americano e britânico que têm sofrido deslocamento acentual (e.g. de *dictate* para *dictate*), comparando-os com seus correspondentes substantivos e adjetivos terminados em -ate e -ator. O PB também apresenta um fenômeno que envolve mudança na localização do acento: nesse deslocamento acentual, a tonicidade alterna entre sílabas adjacentes, geralmente afetando vogais altas, mas atinge um número muito restrito de palavras (e.g. *ruim* x *ruim*; *gratuito* x *gratuito*; *rubrica* x *rubrica*; *xerox* x *xerox*). Por outro lado, parece ser mais produtivo no PB um outro fenômeno relacionado ao acento, em que há alteração no padrão acentual devido ao cancelamento de uma vogal ou de uma sílaba (e.g. as proparoxítonas *abóbora* e *bêbado* em comparação com as paroxítonas correspondentes, *abobra* e *bebo*). Neste segundo fenômeno, diferentemente do primeiro, a sílaba acentuada permanece a mesma. Note-se, contudo, que ambos os fenômenos parecem operar através de difusão lexical, pois, ao mesmo tempo em que afetam um número

pequeno de itens, não são implementados em muitas outras palavras que também apresentam ambiente propício para sua aplicação ².

No quadro abaixo, encontram-se resumidos os quatro principais fatos do sistema acentual do PB, apresentados nesta subseção.

Quadro 1. O acento no PB.

Local de aplicação	três últimas sílabas da palavra
Natureza acústico-articulatória	aumento de duração e intensidade
Funcionalidade	contraste lexical, mas com restrições
Distribuição de padrões	paroxítonas são mais freqüentes

Análises tradicionais

Ainda que concordem razoavelmente em suas descrições dos dados lingüísticos, as análises tradicionais do acento no PB, todas elas baseadas em uma visão formalista da linguagem, discordam em inúmeros aspectos, quando chega o momento de interpretar os dados. As análises disponíveis podem ser agrupadas em basicamente quatro perspectivas teóricas: estruturalismo (CÂMARA JR., 1970, 1977), gerativismo (LEITE, 1974), Fonologia Métrica (BISOL, 1992; CAGLIARI, 1999; LEE, 1995; MASSINI-CAGLIARI, 1995) e TO (LEE, 2007; MASSINI-CAGLIARI, 2003; WETZELS, 2006). No entanto, todas acabam invariavelmente encontrando problemas que fogem a uma explicação coerente com a abordagem teórica a que se filiam e freqüentemente se vêem às voltas com graves problemas teóricos e empíricos. Um tal *status quaestionis* parece colocar em jogo a própria possibilidade de explicação razoável do acento no PB por meio de teorias formalistas, por reduzirem o sistema da língua a um conjunto organizado de regras/restrições, que transformam formas discretas e estanques de *input* em formas previsíveis de *output*. Com isso, essas teorias se restringem a explicar todas as possíveis generalizações (informações redundantes/previsíveis) em termos de aplicação de regras e geração de *outputs*, não comportando explicações que envolvem variação ou efeitos de freqüência, sendo avessas a explicações de ordem diacrônica ou funcional.

Há vários aspectos que, apesar de recorrentes entre as análises, divergem entre os diferentes autores. Tais aspectos serão enumerados e resumidos brevemente a seguir. (1) O caráter marginal das proparoxítonas é controverso e bons argumentos foram levantados questionando tal marginalidade (cf. ARAÚJO et al., 2007). De fato, palavras proparoxítonas muitas vezes apresentam variantes com acento paroxítono, devido ao cancelamento de uma de suas duas sílabas finais, como em *abóbora~abobra*³, mas nem todos os pesquisadores entendem que este cancelamento teria por motivação evitar o padrão marcado proparoxítono. (2) A maior parte das regularidades observadas, principalmente com relação ao acento dos verbos, parece estar relacionada a padrões morfológicos, mas a forma com que os modelos incorporam o componente morfológico é variada. (3) Debate-se se o peso silábico seria ou não relevante para a localização do acento. (4) Não há consenso sequer sobre a natureza do pé, se troqueu ou dátilo. (5) Há discordância também sobre qual seria o domínio de aplicação da regra de atribuição de

² Na difusão lexical, os processos sonoros seriam aplicados palavra por palavra, de modo gradual, muitas vezes deixando de operar antes de afetar todo o léxico da língua (FARACO, 2005).

³ Em todo o artigo, quando relevante, as sílabas acentuadas serão indicadas em negrito.

acento, o radical ou a palavra. (6) Dentre os pontos que geram maior divergência, o mais importante diz respeito a diferenças na dinâmica acentual de verbos e nomes. A sensibilidade da atribuição do acento a categorias lexicais é um tópico muito debatido, visto que alguns estudiosos, mas não outros, postulam a existência de sistemas diferentes para verbos e não-verbos. Enquanto a morfologia nominal geralmente apresenta paroxítonas com sílabas abertas (e.g. *comida*; *barato*), é típico da morfologia verbal apresentar paroxítonas com sílaba fechada (e.g. *falarmos*). Além disso, os verbos apresentam vogais nasais postônicas (e.g. *falaram*), o que dificilmente ocorre na morfologia nominal (e.g. *item*, *órgão*, entre outros poucos nomes, mas vários nomes próprios, como *Karen*, *Marlon*).

O presente estudo oferece uma contribuição à polêmica sobre o acento no PB, mostrando que uma perspectiva teórica de base funcionalista, como a Fonologia Cognitiva, pode lidar mais satisfatoriamente com os fatos gerais da dinâmica acentual do PB do que a vertente formalista, adotada pelas análises tradicionais acima mencionadas.

Modelos baseados no uso

Os chamados modelos baseados no uso, ou simplesmente modelos de uso (*usage-based models*) compartilham a idéia de que os sistemas lingüísticos são construídos a partir de eventos de uso, sendo que a relação entre estas duas dimensões, sistema e uso, é relativamente direta (KEMMER; BARLOW, 2000). O termo “*usage-based*” remonta a Langacker (1987), ao referir-se a uma abordagem da linguagem que se contrapõe à perspectiva formalista tradicional, por ser maximalista, não redutiva e *bottom up*. As abordagens de uso assumem que, no armazenamento de informações, um grande volume de dados estaria envolvido – por isso seriam maximalistas, e não minimalistas. Nesse armazenamento, haveria grande redundância de informações – razão pela qual esses modelos são chamados de não redutivos. Desse modo, na mente humana, a especificidade estaria atrelada à generalidade, sendo que a última surge a partir da primeira – daí dizer que modelos de uso envolvem processamento *bottom up*, e não *top down*. Formulações muito próximas a essas têm sido adotadas nas últimas décadas por estudos tanto independentes quanto derivados da Gramática Cognitiva de Langacker, mas todos eles contribuindo para fortalecer as bases gerais da abordagem de uso. Especialmente nas duas últimas décadas, vem-se acumulando um corpo respeitável de evidências que indicam a primazia do uso em áreas como lingüística, cognição, neurofisiologia e psicologia. Nessas áreas, destacam-se estudos pioneiros sobre processos cognitivos e categorização, comprometidos com a linguagem humana em graus diferentes, mas em grande medida compatíveis (cf. KUHL, 1994; HINTZMAN, 1986; HOPPER, 1987; NOSOFSKY, 1986; MEDIN; SCHAFFER, 1978; ROSCH, 1978). O estudo desenvolvido neste artigo baseia-se principalmente em três abordagens de uso relativamente recentes, que se voltam para a dimensão sonora da linguagem: a Fonologia de Uso (BYBEE, 2001), o modelo de exemplares proposto em Pierrehumbert (2001) e a Fonologia Probabilística (PIERREHUMBERT, 2003). Essas abordagens são amplamente comparáveis e complementares à proposta de Langacker, que será outro ponto de referência teórica neste estudo. Os pressupostos fundamentais destes modelos serão brevemente descritos a seguir. Primeiramente, ressalte-se que todos eles compartilham a idéia de que não há uma separação nítida entre léxico e gramática, essas

duas esferas sendo agrupamentos de estruturas simbólicas (LANGACKER, 2000). Padrões morfológicos e sintáticos são vistos como esquemas (padrões gerais que variam de níveis mais baixos a níveis mais altos em termos de abstração e complexidade), que emergem de ocorrências reais de uso linguístico. Com isso, a frequência de tipo e a frequência de ocorrência⁴ desempenham um papel importante nesses modelos, exercendo impacto, respectivamente, sobre a produtividade de padrões e sobre a força lexical. As unidades linguísticas de armazenagem e processamento, os exemplares, são palavras e até mesmo grupos de palavras (*chunks*) e colocações, cuja estrutura interna se assemelha à de protótipos – são gradientes, centrados em membros nucleares bem-definidos e difusos nas bordas. Eventos de uso são armazenados nos exemplares por meio de processos cognitivos gerais de categorização, resultando em grupos de memórias perceptuais ricas, que são conectadas em redes relacionais baseadas em similaridade fonética e semântica. Tais redes, a partir das quais emergem esquemas gerais (morfológicos, sintáticos, etc.), operam com base em parâmetros probabilísticos, apresentando distribuição estocástica.

Esses princípios têm sido empregados com sucesso na análise de fatos que representam problemas para as análises linguísticas tradicionais, tais como o conhecimento que os falantes possuem acerca de detalhes fonéticos finos, efeitos de prototipicidade e efeitos de frequência.

Uma análise de uso do acento no PB

Neste estudo, assume-se que padrões segmentais e prosódicos interagem com a morfologia em um modelo de rede de modo a configurar a gramática prosódica (BYBEE, 2001). As abordagens tradicionais consideram as generalizações possíveis sobre o acento no PB como um reflexo de regras ou restrições e, portanto, como causa determinante da regularidade verificada nesse sistema acentual. Uma abordagem de uso, ao contrário, prefere interpretar as generalizações como resultado da rotinização de padrões. Seguindo esta segunda perspectiva teórica, defendo que padrões gerais com relação ao acento no PB são o resultado de processos de categorização. Uma análise semelhante foi proposta em Farrell (1990), que se vale do modelo cognitivo de Langacker para analisar o acento em não-verbos do espanhol. Sugiro, como Farrell, que o acento lexical integra esquemas de nível alto de abstração e complexidade, como morfologia, fonotática e sintaxe, sendo parte da informação transmitida por ocorrências de uso. Além disso, acredito que a palavra seria a unidade mínima de armazenamento e que informações sobre o acento estariam disponíveis na representação mental. Na análise aqui desenvolvida, entende-se que o acento no PB é lexicalmente especificado, o que corrobora a idéia de que informações redundantes estão presentes na representação mental.

⁴ A frequência de tipo (*type frequency*) corresponde ao número de vezes que uma unidade aparece representada em um dado *corpus*. Já a frequência de ocorrência (*token frequency*) corresponde a quantas vezes uma unidade é efetivamente utilizada em um *corpus*. Por exemplo, no banco de dados do Aspa (o Projeto Aspa será apresentado mais à frente, na p. 6), a frequência de tipo do som [a] é 136.296 (ALMEIDA, 2005, p. 60), ou seja, o som [a] aparece 136.296 vezes nas diferentes palavras contidas no banco de dados. Note-se que esse valor se refere à representatividade do [a] no sistema da língua, não ao uso efetivo que os falantes fazem desse som, o que é dado pela frequência de ocorrência. Por exemplo, a frequência de ocorrência da palavra *dia* no banco de dados do Aspa é 271.977, ou seja, nesse banco, a palavra *dia* ocorreu 271.977 vezes.

Defende-se que, se a informação sobre o acento está presente na representação lexical, é possível alcançar uma análise mais compreensiva acerca da produtividade de padrões acentuais, tanto na morfologia verbal, quanto na não-verbal. Para dar suporte a essa afirmação, apresenta-se a seguir uma análise estatística dos padrões acentuais em verbos e não-verbos. Essa análise baseia-se em informações obtidas junto ao ASPA (www.projetoaspa.org), um banco de dados estatístico de padrões sonoros do PB. A Tabela 1 mostra a frequência de tipo para cada uma das três posições do acento (proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas), em verbos e não-verbos. Os monossílabos foram excluídos dos cálculos.

Tabela 1: Frequência de tipo de cada padrão acentual em verbos e não-verbos (χ^2 : 5642,69, $p < 0,0001$, $df=2$).

Posição do Acento	Verbos		Não-verbos	
Proparoxítonas	482	1.2%	11,389	14.6%
Paroxítonas	27,730	71.4%	52,271	67.1%
Oxítonas	10,617	27.3%	14,200	18.2%
Total	38,829	100%	77,860	100%

Como se pode observar, as palavras paroxítonas apresentam frequência de tipo significativamente maior, o que poderia explicar porque esse padrão acentual é mais produtivo que os outros dois, como é freqüentemente afirmado nos estudos sobre o acento no PB mencionados na seção 2.2. Esse fato é corroborado por uma análise da localização do acento em neologismos (cf. ALVES, 1994), em sua maioria paroxítonas. As diferenças na frequência de ocorrência entre os mesmos grupos não se mostraram estatisticamente significativas.

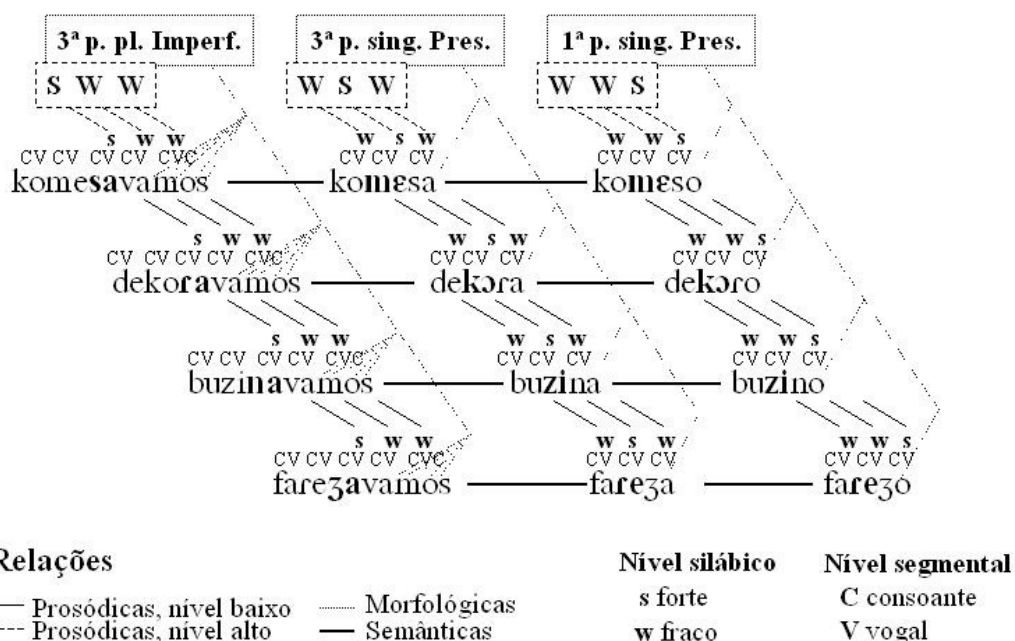


Figura 1. Estrutura prosódica emergente e esquemas de nível alto para proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas em verbos

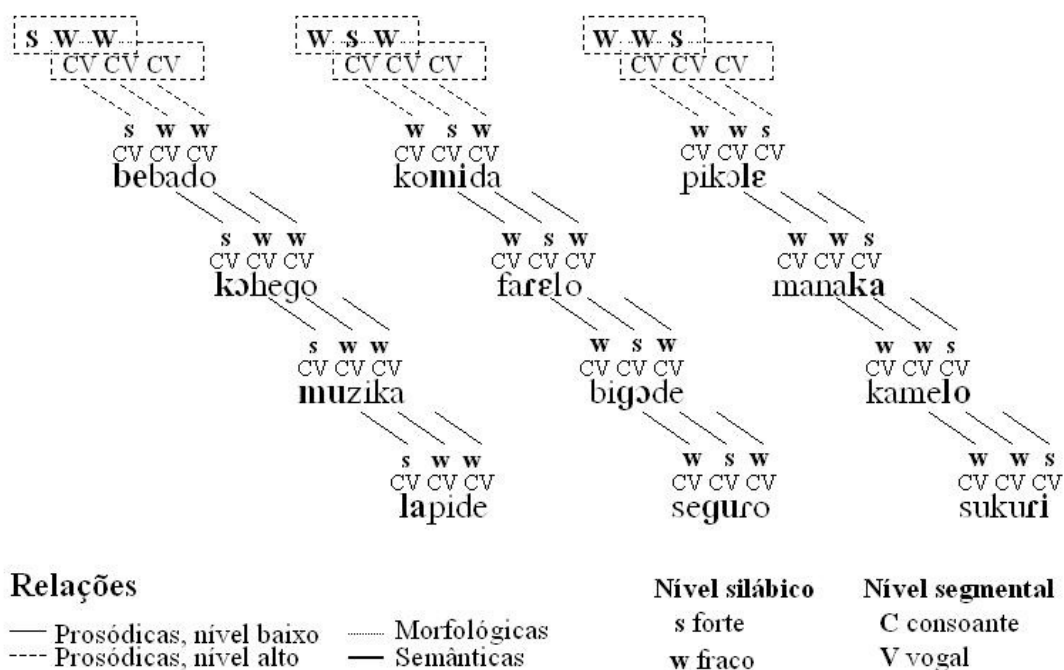


Figura 2. Estrutura prosódica emergente e esquemas de nível alto para proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas em não-verbos

As Figuras 1 e 2 representam esquemas prosódicos de maior e menor nível de abstração emergindo a partir de relações em rede estabelecidas entre exemplares, respectivamente para verbos e não-verbos. A partir do uso efetivo dos itens lexicais, são promovidas generalizações de naturezas diversas, dentre as quais generalizações relativas à estrutura silábica da língua, à estrutura morfológica, à localização da tonicidade. Tais generalizações levariam à construção de esquemas de nível baixo a alto, referentes à fonotática, à morfologia e ao padrão acentual da língua específica. No PB, acredita-se que tais esquemas se integrariam no sistema verbal, originando um esquema mais abstrato e complexo, determinante da atribuição do acento. O mesmo não ocorreria no sistema não-verbal, em que esquemas morfológicos não correm em paralelo aos esquemas acentuais. Assim, defende-se que as particularidades da acentuação em formas verbais frente às não-verbais podem ser atribuídas a diferenças no mecanismo de armazenagem e processamento dos itens lexicais (BYBEE, 1985, 1995). No PB, os verbos apresentam uma rede de informações morfológicas complexa e densa, que surge a partir da flexão verbal, responsável por expressar simultaneamente as noções de voz, aspecto, tempo, modo e concordância de número e pessoa, às vezes com certo grau de fusão. Comparativamente, relações flexionais nos não-verbos são reduzidas e mais fracas, expressando apenas a noção de número e algumas vezes de gênero. Ademais, a maioria das conexões lexicais entre não-verbos é de natureza derivacional, pelo acréscimo de sufixos. Em vista disso, pode-se sugerir que redes complexas e densas seriam responsáveis por um maior grau de integração em esquemas de nível alto. Confirmando-se esta afirmação, é possível demonstrar como os esquemas acentuais que surgem a partir de formas verbais no PB tendem a ser anexados aos esquemas morfológicos que lhes são paralelos, enquanto que, nos não-verbos, o mesmo não se aplica. Portanto, sugiro que o padrão acentual distinto das formas verbais se deve a suas redes flexionais mais fortes, que interagem com a prosódia em esquemas de nível alto.

Conclusões

A análise do acento no PB apresentada neste artigo traz à tona algumas questões de extrema relevância. Dentre elas, destacam-se os seguintes tópicos: a) como uma análise estatística da fala pode oferecer generalizações relacionadas com tendências gerais da linguagem envolvendo sons e informações morfológicas; b) a relação entre padrões silábicos e atribuição de acento. Propõe-se, neste artigo, que o acento primário no PB é lexicalmente especificado, o que dá suporte à idéia de que informações redundantes estão presentes na representação mental, como proposto pelos modelos de exemplares (PIERREHUMBERT, 2001, 2003). Defende-se que a dinâmica de atribuição acentual nesta língua pode ser mais bem compreendida como resultado de generalizações a partir de exemplares, generalizações que são responsáveis pelas tendências gerais concernentes à atribuição do acento no léxico.

Os seguintes tópicos relacionados ao acento do PB deverão ser abordados em pesquisas futuras: (1) modelagem probabilística do sistema acentual; (2) atribuição de acento à quarta sílaba, como consequência de cliticização ou epêntese; (3) outros fenômenos relacionados ao acento, como sândi vocálico e redução de sílabas átonas; (4) padrões de variação de acento inter e intra-individuais, testados através de experimentos envolvendo a atribuição do acento a logatomas e tarefas perceptuais; (5) diferenças e semelhanças entre o português brasileiro e o europeu, bem como o latim, espanhol e outras línguas românicas; (6) desordens de fala e impactos sobre o acento; (7) o acento na aquisição de primeira e segunda línguas.

Agradecimentos

À Prof^a. Thaís Cristófar, pelos valiosos comentários e sugestões; à Prof^a. Joan Bybee e ao Prof. Patrick Farrell, pelas referências bibliográficas relevantes que prontamente me enviaram; a Leonardo Almeida, pelas informações do banco de dados do ASPA. Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994. 93 p.
- ARAÚJO, Gabriel et al. As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: ARAÚJO, Gabriel (org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 37-60.
- BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (eds.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI, 2000. 356 p.
- BISOL, Leda. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n.22, p. 69-80, 1992.
- BYBEE, Joan. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Philadelphia: John Benjamins, 1985. 235 p.
- _____. Regular Morphology and the Lexicon. *Language and Cognitive Processes*, v.10, n.5, p. 425-455, 1995.

_____. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 262 p.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Acento em Português: estudos sobre as regras de atribuição de acento em português*. Campinas: L. C. Cagliari, 1999. 146 p.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970. 114 p.

_____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977. 140 p.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. Ed. rev. e amp. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARRELL, Patrick. Spanish stress: a cognitive Analysis. *Hispanic Linguistics*, v.4, n.1, p. 21-56, Spring 1990.

HINTZMAN, Douglas. "Schema Abstraction" in a Multiple-Trace Memory Model. *Psychological Review*, v.93, n.4, p. 411-428, 1916.

HOPPER, Paul. Emergent Grammar. *Berkeley Linguistics Society*, v.13, p. 139-157, 1987.

KUHL, Patricia. Learning and representation in speech and language. *Current opinion in Neurobiology*, v.4, p. 812-822, 1994.

LANGACKER, Ronald. A Dynamic Usage-Based Model. In: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (eds.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI, 2000. p. 1-63.

_____. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University, 1987. 2 v.

LEE, Seung Hwa. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. 1995. 200 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. O acento primário no português: uma análise unificada na Teoria da Otimalidade. In: ARAÚJO, Gabriel (org.). *O Acento em Português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 120-143.

LEITE, Yonne. *Portuguese stress and related rules*. 1974. 160 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Texas at Austin, Austin.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Acento e ritmo*. São Paulo, Contexto, 1992. 95 p.

_____. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico: um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. 1995. XXX f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Ditongos e hiatos em Português Arcaico: uma abordagem otimalista. *Letras de Hoje*, v.38, n.4, p. 319-338, 2003.

MEDIN, Douglas; SCHAFFER, Marguerite. Context Theory of Classification Learning. *Psychological Review*, v.85, n.3, p. 207-238, 1978.

NOSOFSKY, Robert. Attention, Similarity, and the Identification-Categorization Relationship. *Journal of Experimental Psychology: General*, v.115, n.1, p. 39-57, 1996.

PHILLIPS, Beth. British versus American -ate and -ator: Convergence, Divergence, and the Lexicon. *American Speech*, v.73, n.2, p. 160-177, 1998.

PIERREHUMBERT, Janet. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 137-157.

_____. Probabilistic Phonology: discrimination and robustness. In: BOD, Rens; HAY, Jennifer; JANNEDY, Stefanie (ed.). *Critical Introduction to Phonology*. Cambridge, MA: MIT, 2003. p. 177-228.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara (eds.) *Cognition and Categorization*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1978. p. 27-48.

WETZELS, W. Leo. Primary Word Stress in Brazilian Portuguese and the Weight Parameter. *Journal of Portuguese Linguistics*, v.5, n.2, p. 9-58, 2006.